

Vozes de meninos adolescentes *

Susan W. Stinson **

Resumo: neste artigo a autora dá voz a alunos adolescentes (do sexo masculino) que efetivamente fazem aulas de dança na escola. A fim de ampliar as discussões sobre o que os meninos pensam sobre as aulas de dança, a autora dá ênfase aos relacionamentos entre estes estudantes, às aulas de dança e ao status da dança na sociedade abordando questões de gênero, conhecimento e educação. Neste artigo, a autora compartilha com o leitor resultados parciais de sua pesquisa, de ordem qualitativa, que abarcou entrevistas com 88 jovens de 15 a 18 anos, 19 deles do sexo masculino. Este artigo complementa o anterior: Reflexões sobre a Dança e os Meninos.

Palavras-chave: adolescentes, dança, educação, escola

Abstract: in this article the author gives voice to some male adolescent students who take dance at school in order to broaden the discussions about what they say about dance classes. The author emphasizes the relationships created between these students, dance classes and the status of dance in society taking into account issues of gender, knowledge and education. She shares in this article partial findings of a qualitative research that encompassed interviews with 88 youngsters from 15 to 18 years old, 19 of them being male. This article complements the previous one: Reflections on Boys and Dance.

Descriptors: adolescents, dance, education, school

O que podemos aprender ouvindo nossos alunos? Hoje, compartilharei com vocês o que descobri ouvindo uma pequena amostra de entrevistas que realizei com meninos como parte de dois amplos estudos qualitativos (Stinson, 1993a e b; Stinson, 1997) com estudantes de 10 a 18 anos de idade matriculados em 10 diferentes cursos de dança, du-

* Este artigo foi apresentado em sessão individual na 7th dance and the Child international Conference, em Kuopio, Finlândia, em julho de 1997, complementando a palestra principal (artigo anterior). Traduzido e publicado com autorização da autora. Tradução: Mônica Martins.

** Susan Stinson é professora e chefe do Departamento de Dança da University of North Carolina at Greensboro (UNCG), Estados Unidos. Preside a dance and the Child international (daCi).

rante o período escolar, em 5 escolas diferentes. Os procedimentos gerais envolveram minha freqüência às aulas uma vez por semana (as classes se reuniam 4 ou 5 vezes por semana) como observadora participante e as entrevistas com os alunos no fim do período letivo. Na maioria dos casos, esse período foi de 18 semanas, embora algumas das aulas tenham se estendido por apenas 9 semanas. Realizei entrevistas longas e abertas com todos os alunos que quiseram conversar comigo e puderam trazer a assinatura dos pais em seus formulários antes de devolvê-los. Os estudos originais incluíram 88 alunos, 19 dos quais eram meninos: 3 da escola secundária (15 a 18 anos) e 16 dos últimos anos da escola fundamental (10 a 15 anos).

Todas as escolas estavam localizadas na mesma comunidade. Quatro eram públicas, ou custeadas pelo governo; sua clientela incluía estudantes da zona urbana provenientes de conjuntos habitacionais para famílias de baixa renda assim como alunos das áreas suburbana e rural. Uma das escolas era particular, custeada principalmente pelas anuidades pagas pelos alunos; a maioria dos alunos dessa escola pertencia a famílias de classe média alta que procuravam uma abordagem mais aberta, mais criativa e enriquecedora para a educação de seus filhos.

Para esta apresentação, reuni todos os dados das entrevistas com os 19 meninos que participaram desses estudos, e analisei-os separadamente, em busca de temas significativos que pudessem me ajudar a entender o que a dança significava para eles. Em virtude de ser um estudo qualitativo, com um número relativamente pequeno de estudantes selecionados de forma não aleatória, os resultados não podem ser generalizados para todas as populações. Entretanto, como Csikszentmihalyi e Larsen (1984) observam em seu estudo sobre os adolescentes:

Se um menino em cem encontra uma maneira esplêndida de se relacionar com seus pais, isso é algo que dificilmente merece menção numa descrição estatística de como são os adolescentes. Mas essa maneira encontrada por um menino em cem pode ser o fato mais importante se nossa intenção é compreender como a adolescência poderia (grifo meu) ser. Assim, ... não estamos preocupados com proporções e médias (p. xv).

Na tradição da metodologia que escolhi, não estou tentando provar que a dança é importante para todos os meninos, mas acredito que o que esses 19 meninos tinham a dizer pode ser produtivo para nós, professores, pensarmos sobre a dança para outros meninos.

Em primeiro lugar, por que eles freqüentavam aulas de dança? Dos 19 alunos, 14 escolheram fazer dança. As razões para essa escolha, embora diversas, eram semelhantes às das meninas. Ouçam John¹, aluno do ensino médio: "Um amigo meu que fez dança no ano passado... disse que era uma aula divertida. Eu gosto de ouvir música e essas coisas; achei que talvez pudesse aprender a dançar um pouco". Damien, também aluno do ensino médio, precisava de um curso no segundo semestre para igualar o número de créditos de um curso feito no primeiro semestre; havia apenas duas escolhas no período em que ele estava - ele tentou o outro curso e não gostou.

¹ Todos os nomes usados são pseudônimos escolhidos pelos próprios alunos.

A dança não era desconhecida para KG. Há oito anos, ele fazia balé clássico e *jazz* em um estúdio onde também estava ensinando uma turma de alunos mais jovens. Só para afastar qualquer idéia estereotipada, ele fazia parte dos times de futebol americano e de futebol de campo da escola. Depois de terminar os estudos secundários, ele pretendia se alistar nos fuzileiros navais (o ramo das forças armadas que mais projeta a imagem de “macho”), e eventualmente tornar-se professor de Educação Física ou treinador.

Entre os alunos dos últimos anos do ensino fundamental público, Lance ouvira que a dança ajudava nos esportes; Nate precisava de exercício e queria emagrecer; Bobby achava que seria divertido e disse que queria aprender algumas danças. Bill tivera aulas no ano anterior e comportara-se mal, queria mostrar para a professora que podia ser melhor - “tipo um pedido de desculpas”, disse. Outros cinco alunos do ensino fundamental não haviam escolhido ter aulas de dança, mas, mesmo assim, foram colocados lá pela escola, que tentava equilibrar o número de matrículas.

Todos os alunos da escola particular haviam tido aulas de dança antes (todos menos um nessa escola em especial) e gostaram tanto que quiseram continuar. Eles também eram os alunos mais jovens de meu estudo, com idades entre 10 e 12 anos.

Já que meu tempo hoje é limitado, vou passar a maior parte dele discutindo algumas áreas nas quais os meninos deram respostas diferentes das meninas nas entrevistas. Entretanto, quero enfatizar que, no todo, ouvi os mesmos tipos de resposta de meninos e meninas, e o mesmo tipo de variedade em cada grupo. No geral, eles gostavam de aprender “se movimentando”, “fazendo coisas”, trabalhando com os outros. Um grande número de meninos e meninas falou da aula de dança como uma atividade divertida, que oferecia oportunidades para criatividade e auto-expressão, para relações positivas com professores e colegas, para liberar tensão, experimentar liberdade e transcendência, e descobrir novas dimensões em si mesmos. Todos os estudantes, meninos e meninas, conseguiram expressar-se melhor na descrição das dimensões afetivas e físicas da experiência do que na descrição dos aspectos cognitivos da dança.

Uma diferença que encontrei entre as respostas de meninos e meninas relacionava-se ao tema do movimento na dança - nas palavras deles, a importância de movimentar-se em vez de ficar sentado o dia todo. Ravon esperava que a dança fosse divertida “porque você se movimenta em vez de ficar só sentado fazendo trabalhos o tempo todo”. Aqui estão alguns comentários de outros meninos sobre o movimento:

A dança é “simplesmente mais divertida... porque gosto de fazer coisas, de me movimentar” (Bobby).

“Acho que é importante levantar e se mexer e não ter que sentar numa cadeira o dia todo e trabalhar” (Joseph).

A dança é “realmente uma boa chance de não ficar sentado... a gente simplesmente passa o dia sentado numa carteira, e quer levantar e se mexer” (Sam).

“Sou capaz de mexer meu corpo e isso é muito bom, sabe, é um jeito de descarregar tensão” (Leslie).

“Gosto de dançar para mexer meu corpo de um jeito que eu gosto de sentir” (Yelnik).

Lance achava que a dança seria ainda melhor “se nos movimentássemos mais”; ele gostaria que o professor dispensasse as partes acadêmicas da dança “como os exercícios no quadro-negro, as definições... mas ainda acho que é uma aula divertida por causa do movimento”.

O movimento na dança auxiliou a criar uma variedade na rotina escolar: Lance observou que a dança é “uma aula divertida simplesmente porque é diferente. É diferente por causa... do movimento”. Tim disse que o que faz a dança ser divertida é “ser capaz de se mexer, e mexer de jeitos diferentes do que normalmente fazemos”, e “ser capaz de fazer alguma coisa nova é divertido”. Bobby achava que as outras matérias eram mas chatas porque, na dança, “você está sempre se mexendo e fazendo coisas novas”.

O movimento na dança também consegue criar uma sensação de vivacidade - Lance descreveu que se sentia “entusiasmado” quando dançava, Cody falou sobre “deixar a energia sair” e Nate, sobre “energizar o corpo”.

Quando reli as transcrições das entrevistas, encontrei páginas e páginas em que os meninos falavam da relação entre a dança e os esportes, outra área na qual os comentários deles diferiram dos das meninas, que quase nunca mencionam esta relação. Salvo o elemento competitivo e a bola usada em alguns esportes, para estes meninos, a dança se parece com os esportes de muitas maneiras. Como disse Chris, “é praticamente a mesma coisa”. Os meninos reconhecem que a dança e os esportes envolvem adquirir e manter a forma física; de fato, Damien disse: “Você tem que estar muito mais em forma (para dançar)... do que teria de estar para jogar futebol americano ou futebol de campo ou qualquer coisa desse tipo”. Eles também observam que tanto a dança como os esportes são uma maneira de “aperfeiçoar-se”, especialmente no que diz respeito a equilíbrio, concentração, força e flexibilidade. Vários mencionaram que ouviram dizer que a dança os ajudaria nos esportes ou afirmaram que ela realmente os ajudara; sabiam que atletas profissionais, às vezes, fazem aulas de dança, e mesmo de balé clássico, por essa razão. Outras semelhanças interessantes que mencionaram entre a dança e os esportes foram o trabalho de equipe envolvido nela, a reação dos espectadores, que os leva a se sentir “animados”, e a importância de dar o melhor de si.

Outra área importante de diferenças que encontrei entre meninos e meninas relaciona-se às preocupações deles com gênero e dança. Não lhes perguntei coisa alguma sobre gênero, exceto para dar continuidade a algo que eles me tinham dito, mas o tópico veio à tona na maioria das entrevistas dos meninos.

A principal preocupação que ouvi dos meninos que não haviam escolhido ter aulas de dança (mas foram destinados a elas de uma maneira ou de outra) foi que a dança seria uma “aula de meninas”; em contraste, nenhuma das meninas disse que escolhera a dança porque era para meninas. Relacionada a isso estava a preocupação dos meninos com o fato de que seus amigos iriam fazer pouco deles por causa da dança.

Neal confidenciou: “No início, pensei que ia ser uma aula de meninas. Mas, sabe, não é uma aula de meninas, você consegue se divertir na dança”. Quando pedi a ele que me falasse mais sobre “aula de meninas”, ele formulou a resposta assim: “Como o balé, sabe, ter de ficar na ponta dos pés, usar meia-calça e essas coisas. Era assim que eu pensava que ia ser, mas não é assim”. Neal também estava preocupado com a reação de seus amigos: “No começo, pensei... (meus amigos) iam implicar comigo porque eu estava tendo aula de dança”. No entanto, esse receio se mostrou infundado. Neal relatou que seus amigos não

implicaram com ele “quando descobriram que tipo de aula era aquela”. Neal, como a maioria dos outros, concluiu que recomendaria o curso para alunos novos.

Chris se preocupava: “Na verdade, eu não queria fazer isso... Pensei que seria como balé ou coisa assim”. Entretanto, no final do período letivo, ele disse: “Acho que foi divertido”. Joseph me contou: “Eu me encontrei na dança. Não queria mesmo, no começo, porque achava que não haveria outros garotos na aula, mas foi bem divertido. Quer dizer, não foi como balé ou coisas assim - foi divertido... É mais como as aulas de movimento criativo que tive nos primeiros anos da escola”.

Mesmo entre os meninos que escolheram as aulas de dança havia preocupação com o fato de aulas de dança serem “aulas de meninas”, com o balé como epítome das “coisas de menina”.

Cody, da escola particular, havia explorado a dança em ambientes de estúdio alguns anos antes: “Frequentei algumas escolas de dança, mas todas pareciam só um bando de garotas fazendo “saltos baléticos” e coisas assim; realmente, não gostei”. Ele ficou aliviado quando uma professora de dança chegou a sua escola “e começou a ensinar dança moderna, e descobri que gostava de dança moderna, e que era o tipo de dança que eu gostaria de fazer”.

Embora todas as aulas enfatizassem a dança moderna/criativa, e eu nunca tenha visto qualquer sinal de balé em minhas visitas semanais, alguns meninos pensavam que tinham feito um pouco de balé - e isso era o que mais os desagradava.

Nate achava que a aula era “como balé”. Quando perguntei o que é que se parecia com balé, ele fez uma pausa e, então, deu uma resposta bastante ambígua: “Você se mexe depressa - bom, você se mexe depressa e devagar ao mesmo tempo, assim, e você tem de se deslocar e essas coisas, é por isso que parece balé para mim”.

De forma semelhante, Lance achava que a aula tinha sido como o balé. Quando perguntei mais sobre isso, ele disse que tinham feito balé “durante uma semana”. Ele me disse: “Imaginei que faríamos umas danças um pouco mais rápidas, não tanto balé e movimentos lentos”. Quando pedi que me contasse mais sobre o balé, ele afirmou: “Não fazemos muito movimento no balé, só ficamos em pé, parados, e praticamos posições diferentes com os (nossos) pés”.

John, aluno do ensino médio, afirmou: “Nós fizemos uma coisa ou outra que eu... realmente não gostei. Como o balé - não gosto muito daquilo. Mas, fora isso, é ótimo... Gosto muito do jeito que é. Não me importaria se houvesse mais garotos na turma, porque sou só eu e mais um outro, e ele dificilmente aparece (na escola)”. Quanto aos amigos, ele diz: “Quando contei a eles, eles riram. E então contei sobre a aula e... alguns disseram que talvez escolhessem o curso de dança”.

Os outros dois alunos do ensino médio aprofundaram bastante em nossas conversas a percepção masculina da dança e dos dançarinos, com tanto discernimento e tanta complexidade que acho que seus comentários merecem ser compartilhados com alguma profundidade. Fiquei emocionada com essas histórias que revelam o conflito que estes dois jovens enfrentaram para dançar.

KG, que dançava há muitos anos, disse que nenhum de seus “amigos verdadeiros” o incomodou por causa da dança: “Onde moro, eles estão acostumados [com o fato de ele usar meia-calça, figurinos e maquiagem. Mas] ... até hoje - de fato, ainda hoje, tiraram sarro de mim [me importunaram] por isso. Mas não na Dança I. [Esse é o nome do curso em

que ele está matriculado na escola] Tiram sarro de mim por causa do balé... [para quem acabou de me conhecer] é realmente estranho, porque ainda acreditam que você não é um homem de verdade se você dança. Que não é capaz de fazer tudo o que um homem de verdade faria... Normalmente, só respondo de uma forma rápida e irônica". KG abandonou a dança durante um ano, porque "fiquei cansado de as pessoas ficarem me reprovando por causa dela". Ele enfrentou o mesmo tipo de reação de pelo menos um membro da família: "Meu pai... toda vez que fica bravo... me chama de fada ou coisas assim [termo pejorativo que significa homossexual masculino]... ele está só brincando... toda vez que alguém se aborrece comigo, esse é um ponto que eles sabem que me toca". KG lembra: "No começo, era difícil superar... porque, quando você é pequeno, você é afastado dos seus amigos da vizinhança, quer jogar *kickball*² e basquete... Lembro que... tinha de deixar meus amigos... tinha de dizer a eles: "Não posso jogar, porque tenho aula de dança"... Não me arrependo agora, mas, quando era pequeno, se minha mãe não tivesse insistido todos os dias, me fazendo ficar... provavelmente teria desistido". Num tom mais positivo, ele parece achar que a cultura está mudando: "Muitos caras te respeitam por causa disso... e... muitos jogadores... têm aulas de dança por causa do futebol... Uma porção de garotas... acho que é legal". Entretanto, no todo, os comentários de KG deixam claro que qualquer jovem do sexo masculino que queira dançar precisa ter uma grande dose de coragem e auto-estima para perseverar.

Damien, ao contrário de KG, nunca havia tido aulas de dança, mas acho sua história tão forte quanto a de KG: "Como essa é minha primeira aula de dança, eu tinha a mesma opinião que a maioria das pessoas - quer dizer, da maioria dos homens que freqüentam minha escola. Eu pensava: "Meu Deus, as pessoas vão pensar que sou *gay* [homossexual] ou coisas assim." O que eu *não* sou, afinal, e elas vão dizer: "Ele é um viadinho" [outro termo pejorativo]... as pessoas importantes para mim sabem que não sou, e sabem que estou tendo muita coragem [de ter aulas de dança]. E mesmo pessoas que não me conhecem me respeitam por isso... todas as meninas acham legal... porque... é uma coisa principalmente de mulheres. E quase sempre foi assim. E os homens que fazem dança, a maioria deles é homossexual... pelo menos, eles adquirem características deles. [Eles se parecem com eles]... para mim, foi uma reação bem normal para qualquer garoto da escola [embora]... eu tenha a cabeça aberta quanto a isso, pensei... quer dizer, fui a um balé antes, e vi Mikhail Baryshnikov, e pensei que ele era a pessoa mais surpreendente que eu já vira se mover em toda a minha vida... Eu respeitava isso, mas meu respeito era pela arte, meu respeito não era... por mim por fazer aquilo, ou por qualquer outra pessoa que o fizesse. E acho que eu respeitava mais a dança do que a maioria das pessoas... E pensei... não vou fazer isso, é tão *gay*".

À primeira vista, o que esses estudantes me contaram parece bastante óbvio. Baseado no que os alunos mais jovens disseram, parece que a experiência das aulas de dança - mesmo se não fosse por escolha - arrefeceu seus temores, especialmente porque as aulas que tinham não eram de balé. Eles achavam as aulas de dança agradáveis, em muitos casos, tão agradáveis quanto os esportes, e estimulavam os outros a freqüentá-las. Na escola particular, onde todos os meninos tinham feito dança anteriormente, eles gostaram e quiseram continuar.

² O *kickball* é uma variação do beisebol na qual se rebate a bola - maior, como uma bola de futebol - não com um taco, mas com os pés. (n.t.)

Por que, então, mais garotos não tinham aulas de dança? Elas foram oferecidas em todas essas escolas por, no mínimo, três anos. Por que os meninos da escola pública ainda tinham receio de que a dança fosse uma aula de meninas?

Pensei que obteria a resposta examinando a escola particular, onde as aulas de dança são oferecidas desde que comecei o programa há 20 anos, e onde todos os meninos as freqüentam quando pequenos. Seria a experiência precoce a resposta? Fiz um acompanhamento recentemente com o professor dessa escola e descobri que aqueles meninos do estudo haviam continuado com a dança como matéria eletiva ocasional nos três anos que se seguiram às entrevistas que fiz com eles, e tinham planos de continuar também no ano seguinte.

Não acho que a experiência precoce seja a resposta completa. Um dos alunos da escola pública que tivera aulas de dança com menos idade tinha os mesmos receios de seus colegas. E KG, que dançava desde muito criança, ainda relatava um tipo de conflito que desestimularia muitos meninos de persistir na dança.

Acho que devemos olhar não só para a experiência precoce, mas para a cultura toda em que ocorrem as aulas de dança para meninos. Aqui, admito que estou especulando, porque estudei a experiência de dança dos alunos e não a cultura escolar e a cultura mais ampla, e não fiz perguntas sobre identidade de gênero. Entretanto, conhecia bem a escola particular, ensinara lá por dois anos e mantivera contato contínuo com alguns professores e pais, assim como visitara a escola semanalmente durante as 18 semanas em que estudei as turmas. Essa escola era conhecida na comunidade como uma “escola alternativa”. Estava cheia de exemplos de homens e mulheres que fizeram escolhas diferentes em suas vidas. Os meninos dessa escola rotineiramente viam muitos homens adultos (professores e pais) fazerem escolhas freqüentemente associadas a mulheres, incluindo homens que valorizavam a criação dos filhos, homens que não ligavam para esportes, homens que cultivavam um lado mais leve ou sensível. Quando a professora de dança coreografou um trabalho para o corpo docente da escola, os homens também participaram - mesmo os que não tinham experiência anterior na dança. Também havia na escola homens de valores mais tradicionais, mas esses meninos viam uma gama bem mais ampla de possibilidades para a masculinidade do que muitos meninos têm a oportunidade de ver. Além disso, essa escola estimulava todos os alunos a pensar com independência e a assumir riscos numa escala muito maior do que a maioria das outras escolas. E mais, esses alunos vinham de lares mais politicamente liberais, onde, suponho, a depreciação da mulher e do homossexual provavelmente era vista como “politicamente incorreta”, mesmo se os pais secretamente abrigassem receios semelhantes àqueles do resto da população.

A cultura na maioria das escolas públicas, e na sociedade americana, é muito diferente da dessa escola. Embora as expectativas de gênero sejam menos estereotipadas do que eram quando eu era criança, mesmo alunos tão abertos quanto Damien, que indicou em sua entrevista que resistia ativamente a outros estereótipos tradicionais, ainda lutava contra a conexão poderosa entre homossexualidade e dança. Tanto Damien como KG acharam necessário assegurar para mim, logo no começo de suas entrevistas, que eles não eram *gays*.

Refletindo sobre o que esses meninos me disseram, fico convencida de que é necessário, embora não suficiente, começar cedo, e ensinar dança de uma forma agradável para os meninos e que não seja ameaçadora de sua masculinidade. A maioria de nós vem realizando esse trabalho há muito tempo. Se realmente queremos mudar a dança, devemos mudar

também a sociedade da qual ela é parte. Em meu país, essa é uma sociedade em que o *status* inferior das mulheres e a homofobia desenfreada são um dado, em que pais desvalorizam os filhos, treinadores desvalorizam atletas, e meninos desvalorizam seus colegas, todos chamando-os de “fadinhas”, “viadinhos” ou “estranhos” - ou de garotas. A fim de fazer do estúdio de dança um lugar realmente seguro para meninos heterossexuais, temos de fazer do mundo um lugar mais seguro para os que não o são.

Referências bibliográficas

- Csikszentmihalyi, M. e Larson, R. (1984). *Being adolescent: Conflict and growth in the teenage years*. Nova York: Basic Books.
- Stinson, S.W. (1993). Meaning and value: Reflecting on what students say about school, *Journal of Curriculum and Supervision* 8 (3), pp. 216-238.
- Stinson, S.W. (1993). A place called dance in school: reflecting on what the students say, *Impulse: The International of Dance Science, Medicine and Education* 1 (2), pp. 90-114.
- Stinson, S.W. (1997). A question of fun: Adolescent engagement in dance education, *Dance Research Journal*, 29/2, pp. 49-69.